

## **Revista Experimentus: Retratos de Chapecó em tempos de Ditadura<sup>1</sup>**

Caroline da Costa FIGUEIREDO<sup>2</sup>

Mirian CRUZ<sup>3</sup>

Vagner DALBOSCO<sup>4</sup>

Universidade Comunitária da Região de Chapecó-Unochapecó

### **RESUMO**

A Experimentus é uma revista impressa, publicada também em formato digital, produzida anualmente pelos discentes de Jornalismo da Unochapecó. Em 2014, os acadêmicos do sétimo período produziram reportagens, na disciplina de Grande Reportagem em alusão aos 50 anos do Golpe Militar, tendo como recorte o município de Chapecó-SC. Considerando as técnicas de entrevista, de reportagem e de grande reportagem, a revista é resultado de um processo complementar entre sala de aula e trabalho de campo. A proposta desta edição – distinta das outras pela temática especial – foi trazer um recorte de como a cidade de Chapecó vivenciou o período do Golpe Militar, seu contexto social, econômico e político. Através de retratos, depoimentos, pesquisa documental e histórica, os discentes puderam exercitar os conceitos abordados na disciplina em 56 páginas de muita informação e história de interesse público.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ditadura militar; grande reportagem; revista; Chapecó-SC.

### **INTRODUÇÃO**

A Revista Experimentus é produzida anualmente por discentes do curso de Jornalismo da Unochapecó, entre outros produtos midiáticos elaborados pelos acadêmicos durante a graduação. De periodicidade anual, a revista impressa, publicada também em formato digital, oportuniza aos discentes exercitarem na prática os conteúdos ministrados nas disciplinas, no decorrer no curso. A nova edição do periódico, produzida em 2014, trouxe a proposta de uma revista integralmente sobre o Golpe Militar de 1964. Isso porque naquele ano, o Golpe completava 50 anos. Em 56 páginas, os acadêmicos apresentaram um recorte a partir de retratos de Chapecó em termos de Ditadura Militar, ou seja, como o município sofria os reflexos do Golpe e vivia o seu cotidiano político, econômico e social.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade JO-04.

[http://issuu.com/acinjornal/docs/revista\\_experimentus\\_edicao\\_9](http://issuu.com/acinjornal/docs/revista_experimentus_edicao_9)

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 8º semestre do Curso Jornalismo da Unochapecó. Email: carolinecosta@unochapeco.edu.br

<sup>3</sup> Estudante do 8º semestre do Curso Jornalismo da Unochapecó email: mirianpcruzz@gmail.com

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Unochapecó, email: dalbosco.vagner@unochapeco.edu.br

Com o desafio de retratar a cidade em grandes reportagens de cunho interpretativo e ao mesmo tempo se atentando a informações não noticiadas, em cada uma das reportagens os discentes procuraram usar dos métodos e linguagens do Jornalismo Interpretativo com o objetivo de apresentar não somente ao meio acadêmico, mas a população de Chapecó, como a cidade respondeu ao Golpe sob diversas perspectivas, seja ela histórica, documental ou testemunhal. Estimulados pela investigação, os acadêmicos puderam usar o aprofundamento das informações para a construção de reportagens, consistentes, instigantes e que contribuíssem para o debate da temática em outros campos do estudo.

Conforme afirma o editorial da revista, a edição não teve a intenção de produzir uma investigação completa e minuciosa do Golpe, mas sim de colocar os acadêmicos em contato com fontes humanas e documentais daquele período para apresentar ao leitor alguns retratos de Chapecó naquele período. Esta edição é reflexo de uma atividade pedagógica, configurando-se em um importante momento de aprendizado para os futuros jornalistas.

## **OBJETIVO**

A Revista teve como objetivo a prática investigativa da grande reportagem e o exercício de uma produção jornalística experimental, tendo como norte um acontecimento histórico: o cinquentenário do Golpe Militar com enfoque na cidade de Chapecó-SC. Além das finalidades voltadas à prática dos estudantes do sétimo período do curso de Jornalismo da Unochapecó, pretendia-se também o registro, o conhecimento e o aprofundamento da história de Chapecó e região em tempos de Ditadura Militar. A regionalização da temática demonstra que o Oeste catarinense, especificamente a cidade de Chapecó, também sofreu os reflexos da repressão.

## **JUSTIFICATIVA**

O ano de 1964 e aqueles que se seguiram, até 1985, mudaram para sempre e de forma abrupta a história política, econômica e social do país. Após o Golpe que depôs o presidente João Goulart sob o argumento de ameaça comunista, o Brasil mergulhou em 21 anos de uma Ditadura Militar. Milhares de pessoas foram perseguidas, torturadas, assassinadas e desaparecidas porque ousavam questionar o Regime Militar.

Para lembrar os 50 anos do Golpe, o curso de Jornalismo da Unochapecó promoveu uma série de atividades no ano de 2014, a partir do entendimento que cabe ao Jornalismo resgatar e tornar sempre viva a memória, especialmente aquela que diz respeito

ao interesse público. Além do que, cabe à academia proporcionar aos futuros jornalistas, além da formação técnica, uma formação humanística e contextual, para que estes tenham contato com temáticas da História e que ainda refletem na atualidade, como é o caso do Golpe de 1964. Por isso, entre as atividades realizadas em 2014 pelo curso está a Revista Experimentus.

## MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Os métodos e técnicas utilizadas no processo consideram as abordagens conceituais de diferentes autores sobre o estilo de jornalismo de revista e da grande reportagem. O primeiro passo na produção de uma reportagem, que é em geral o carro-chefe das revistas, é a pesquisa prévia sobre o assunto, a construção de um roteiro com informações básicas, sugestões de fontes a serem entrevistadas e ângulos de abordagem. Em seguida inicia-se o processo de investigação, ou pesquisa de campo, quando o jornalista vai em busca de elementos que confirmem a hipótese da pauta.

Antes de partir para a entrevista, que pode ser feita em profundidade para se obter o máximo de detalhes, o repórter precisa entender do assunto que esta tratando, para que possa fazer perguntas pertinentes e repassar ao leitor com a maior fidelidade possível. Além disso, o número de fontes a serem ouvidas é maior do que em uma matéria comum.

O jornalista de revista precisa criar estratégias que atraiam o interesse do leitor, mesmo que aquele assunto já tenha sido noticiado de outras formas. Neste sentido, a revista reforça ainda mais o trabalho interdisciplinar entre a equipe. A parceria com fotógrafos e *designers* gráficos, faz toda a diferença já que a forma como a notícia é apresentada visualmente conta muito na hora da leitura. “O jornalista de revista aprende a pensar o texto associado à imagem e a exercitar uma linguagem que fala diretamente com o leitor” (BENNETI, 2013, p. 52). Vilas Boas (1996) dá uma série de dicas para a produção jornalística em revista, como a leveza do texto, estilo próprio e o exercício de uma boa revisão, mas conclui que:

O importante é passar a informação de um modo sedutor, e, principalmente não confundir. É descobrir a melhor forma de apresentar a matéria que o jornal e a TV já deram. Este é um grande desafio. Como na literatura, é preciso inspiração para escrever em revista, sem perder de vista, é claro, o *estilo jornalístico*. (VILAS BOAS, 1996, p. 35)

Como artifício para o aprofundamento do presente, revistas utilizam o método da reportagem. Impera neste gênero o jornalismo interpretativo, que além de informar o fato oferece ao leitor uma análise dos dados, dos antecedentes, perspectivas de desdobramento, levando em consideração o contexto em que ocorreu a situação noticiada. “A reportagem é a forma discursiva jornalística mais adequada para quem quer oferecer algo além da instantaneidade” (FURTADO, 2013, p. 151).

A produção de uma reportagem nem sempre vem ligada a um fato específico, mas a partir de um gancho com a atualidade é possível escrever textos aprofundados sobre questões de interesse permanente, como ocorre com reportagens de comportamento. Esta situação é nomeada por Benetti, Storch e Finato (2011) como um metacontecimento, “evento que permite dizer algo que está além de si” (FURTADO, 2013, p. 152).

Embora revistas permitam mais tempo de produção do que jornais, os prazos são estabelecidos de forma clara e devem ser cumpridos rigorosamente, caso contrário podem colocar em risco o fechamento de uma edição. Conforme Benetti (2013), o *deadline* e a estrutura financeira e de equipe influenciam diretamente no planejamento do que entrará ou não em cada edição. “O constrangimento temporal está fortemente presente no jornalismo de revista, que exige o cumprimento rígido das etapas de produção e fechamento de cada edição” (BENETTI, 2013, p. 51). Portanto, nota-se que o exercício do jornalismo em revistas é um universo particular, que está em processo de construção e de uma compreensão ainda tímida cientificamente. Compreende-se como um desafio, tanto o seu processo de produção, quanto o estudo e identificação desses processos.

Para Benetti (2013), não há uma definição concreta e objetiva do que é jornalismo de revista, mas conceitua-o a partir do emaranhado de possibilidades que ele oferece. “Complexo, diversificado e especializado, o jornalismo de revista engendra olhares e percepções sobre o mundo, sobre si e sobre o outro, e é nessa articulação que reside seu amplo e fecundo poder” (BENETTI, 2013, p. 55). Desta forma, estudar este modo específico de produção jornalística exerce grande contribuição para o meio científico, tendo em vista que quanto mais se pesquisa sobre, mais perto estaremos de uma compreensão

genuína de suas características.

O jornalismo de revista surgiu como uma alternativa para o aprofundamento de conteúdos tratados cotidianamente pela mídia de forma menos detalhada e, por vezes, superficial. Também se apresenta desde o início como uma forma de segmentação, destinando-se a públicos específicos, diferente do que existia até então em termos de comunicação. As características das primeiras revistas que se tem notícia, publicadas ainda na década de 1660, eram muito próximas aos livros, mas propunham-se a ser distribuídos periodicamente. Portanto, é notável que a aproximação do veículo revista com a literatura se dá desde seu surgimento. Característica que evolui com o passar dos anos e a criação do que se conhece hoje como Jornalismo Literário, ou *New Journalism*.

Embora o termo “revista” só tenha surgido em 1704, na Inglaterra, conforme Marília Scalzo (2003, p.20), as primeiras publicações já revelavam o diferencial do gênero em relação aos jornais. “Como prática jornalística, a revista também é diferenciada, desde a formulação da pauta ao tempo de apuração e ao tratamento da linguagem e do desenho de página. Mesmo nas revistas mais noticiosas, há uma distância maior entre o evento empírico e a publicação” (VOGEL, 2013, p.22) .

O tempo foi passando e com ele chegaram novas e mais avançadas tecnologias, principalmente em relação à qualidade gráfica. Assim, revistas mais parecidas com o que conhecemos hoje passaram a ser desenvolvidas. No Brasil, uma das primeiras e mais emblemáticas publicações do gênero é a revista *O Cruzeiro*, que investe desde seu surgimento em meados de 1950, em textos mais elaborados, grandes reportagens interpretativas e mais leves, com uma proposta diferenciada. A revista foi um sucesso de tiragem, também por apresentar um estilo gráfico original, apostando em capas chamativas, cores mais vivas e fotografias.

O jornal diário solta um pouco as “rédeas” no momento da grande reportagem. Um gênero jornalístico que fez grandes nomes, tanto no jornal como na revista. O *Cruzeiro*, na década de 50, conseguiu a extraordinária associação do refinamento intelectual com a prática da reportagem viva e instigante, que muitas vezes conseguiu paralisar o país. Aliás, na sua época áurea, *O Cruzeiro* chegou a tirar 720 mil exemplares, quando o Brasil tinha pouco mais de 50 milhões de habitantes. (VILAS BOAS, 1996, p.43)

De acordo com Scalzo (2003), as revistas sempre foram um meio termo entre o jornal e o livro, oferecendo um conteúdo não muito nem tão pouco aprofundado. No

decorrer do século XIX foram conquistando maior espaço, atingindo um público que já possuía algum grau de escolaridade, mesmo que apenas a alfabetização, mas que não se interessava tanto e tinha pouco acesso aos livros, material ainda muito restrito à elite na época.

Com o avanço técnico das gráficas, as revistas tornaram-se o meio ideal, reunindo vários assuntos num só lugar e trazendo belas imagens para ilustrá-los. Era uma forma de fazer circular, concentradas e diferentes informações sobre os novos tempos, a nova ciência e as possibilidades que se abriam para uma população que começava a ter acesso ao saber. (SCALZO, 2003, p. 20)

Atualmente, requer maior empenho mensurar a quantidade e variedades de revistas existentes no país. Segundo dados da Associação Nacional de Editores de Revista (Aner), existiam até 2009, 3.915 títulos de circulação nacional, totalizando cerca de 600 milhões de revistas impressas (pagas) no Brasil. Ainda conforme o Instituto Verificador de Circulação (IVC), entre revistas semanais, mensais e quinzenais, foram aproximadamente 350 milhões de exemplares vendidos em 2010 no país. Além disso, a característica de segmentação de conteúdo, e a delimitação consciente do público, vêm ganhando ainda mais força com o passar dos anos.

As revistas possuem em relação aos outros meios o benefício da periodicidade alongada. Esta característica obriga os veículos a se preocuparem com a durabilidade dos textos, afinal, eles precisam ser atuais ao menos até a próxima edição ser publicada. Isso não permite que se trate de tudo que é factual, mas por outro lado é um diferencial que faz com que revistas sejam colecionáveis e lidas independentemente da época. Isso faz também com que as revistas trabalhem retomando conteúdos que na maioria das vezes já foram divulgados nas demais mídias, tendo como dever trazer novas informações, novas abordagens ao fato. “No caso do jornalismo de revista, a noção de presente é estendida: atual é sinônimo de contemporâneo e não de novo” (BENETTI, 2013, p. 45)

“A peculiaridade da periodicidade estipula que a revista, na totalidade de suas partes, mostre seu caráter uniforme” (SCHWAAB, 2013, p. 67). Uma revista dificilmente poderá concorrer com um veículo diário, impresso ou digital no quesito factualidade, pois embora publique dentro de seu limite temporal, ela não possui um compromisso marcado com a atualidade, mas sim com a contemporaneidade dos fatos. Para Vogel (2013) “mais do que uma mensagem, uma revista é uma montagem”.

A revista, essa súmula de imagens,  um arquivo do contemporneo, porque no  uma tela plana: folheia-se, as imagens ali agrupadas se reorganizam nesse passeio, mesmo que remontadas a partir de um primeiro conjunto de atualidades. H sempre essa justaposio e contraposio de imagens, que exercitam a imaginao e a memória. (VOGEL, 2013, p. 19)

Além de um produto destinado a oferecer informaos  populao, as revistas podem ser consideradas produtoras de conteúdos e consumidas como forma de entretenimento. A multifuncionalidade dessas publicaos jornalísticas  que s torna to particulares no universo da comunicao. Mesmo muitas delas sendo segmentadas, uma mesma revista  capaz de atingir diferenciados grupos de públicos, cada um, atraído por um aspecto, seja noticioso, grfico, ideológico ou editorial.

Para que revistas de informao cheguem ao seu destinatrio elas passam por um longo processo de produo, tal qual se difere de grande parte dos veículos noticiosos impressos devido ao seu formato particular. A diferena fica clara logo no que se refere  seleo das pautas e o desenvolvimento de matérias jornalísticas. As revistas têm como característica a produo de reportagens mais aprofundadas, portanto, demandam mais tempo e a dedicao exclusiva de um profissional para pesquisa e apurao do material que se propõe a fazer.

## **5 DESCRIO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Os discentes aplicaram o conteúdo ministrado na disciplina de Grande Reportagem, debateram em sala as potenciais subseos da revista, se atentando as contribuios do debate acadmico através do levantamento de informaos, entrevista, apurao e redao das informaos colhidas. Instigados pela investigao dos fatos, os recortes foram divididos na constituio política de Chapecó  época, principais partidos, processo histórico que depôs o governo de Joo Goulart, segurana pública, a participao da igreja na represso, a imprensa, educao, economia, a infraestrutura existente, as “conquistas” ps-golpe como a expanso agroindustrial, como a maior cidade do Oeste respondeu ao Golpe e, por último, os grandes reflexos ainda existentes desde 1964.

O processo de construo das pautas coletivas foi amplamente discutido entre os discentes e o docente da disciplina em sala, bem como o planejamento e organizao do levantamento, apurao, investigao, prazos e acompanhamento do processo de criao e diagramao do produto final. Para a produo das grandes reportagens, os discentes foram

separados em duplas e cada grupo se organizou no decorrer do processo conforme a proposta escolhida. No decorrer do semestre, a produção das reportagens ocorreu em formato de oficina, ou seja, as aulas foram transformadas em uma grande redação com o trabalho de campo, produção e orientação do professor, com várias idas e vindas em cada pauta que foi trabalhada e retrabalhada, seja na apuração, na redação e nas fotografias. Para finalizar o processo, um grande encontro com estudantes/repórteres junto da equipe da Agência Experimental de Comunicação do curso de Jornalismo, responsável pela diagramação. Todos puderam propor ajustes e, de forma coletiva, finalizar a edição.

Em 56 páginas, a nona edição da Revista Experimentus está dividida nas seguintes subseções: Governo reformista, governo deposto; Corra que a polícia vem aí; A imposição da ordem em nome do progresso; A cassação do prefeito Sadi de Marco; A igreja e o golpe entre o apoio e a contestação; o lazer em Chapecó em tempos de Ditadura; Chapecó ganha obras estruturais; Chapecó é marcada pela expansão agroindustrial e uma pesquisa que revelou a opinião da população de Chapecó sobre o Golpe Militar de 1964.

A primeira grande reportagem traz um apanhado de informações baseadas em entrevistas de cientistas políticos e fontes documentais sobre o governo de João Goulart. As potenciais teses que levaram os militares a depor o governo e tomar conta do país, como foi o dia em que Goulart foi deposto, o medo e o horror vivido à época e os reflexos políticos do Golpe em Chapecó.

A segunda retrata através de fontes documentais, historiadores e entrevista em profundidade como foi à cassação do então prefeito à época, Sadi De Marco. Sua vida pública, como foi à repercussão do Golpe em Chapecó, principais fatores que levaram a cassação do prefeito, como a perda do governo De Marco mudou a constituição política de Chapecó. Por último, suas dificuldades antes de se tornar um político e depois no Paraná, para onde fugiu depois ter tido seus direitos políticos cerceados pelos militares, suas principais conquistas a frente do poder Executivo e a devolução simbólica de seu mandato 45 anos depois ter sido cassado.

Segurança pública foi o tema da terceira reportagem da Revista, que retratou como os militares tomaram o poder de João Goulart. A sensação de segurança e ao mesmo tempo repressão foram os eixos que nortearam a reportagem baseada em fontes documentais, historiadores e cientistas políticos. O texto traz ainda o depoimento de filhos de presos pela polícia em Chapecó. A quarta reportagem aponta os “avanços” que Chapecó teve com o

Golpe Militar, a principal delas a expansão agroindustrial. Como era a economia local entre o PIB e a inflação e como Chapecó sobrevivia economicamente nos tempos de Ditadura.

A educação, e a imposição em nome do progresso foram abordadas na quinta reportagem da Experimentus. Como foi a repressão nas escolas, os desfiles cívicos, o ensino superior e os resquícios na atualidade. Rock, calouros e bailes foram às temáticas escolhidas para retratar a cultura chapecoense na época, na sexta reportagem da Revista. Como eram os programas, os primeiros discos e as opções culturais existentes representaram como os chapecoenses se divertiam em tempos de Ditadura Militar.

A sétima reportagem trouxe para o debate uma das temáticas mais amargas de se tratar, quando se fala em Golpe Militar. Foi como a igreja se posicionou diante ao Golpe Militar de 1964. Entre o apoio e a contestação, relatos de políticos e religiosos apontaram os reflexos do Golpe mediante a religiosidade em Chapecó. As celebrações e a extinção dos partidos também foram esmiuçadas nesta reportagem. O oitavo texto apresentou uma pesquisa de opinião sobre o perfil dos chapecoenses, suas preferências partidárias, os principais motivos que eles consideram plausíveis ao Golpe e se os reflexos foram positivos ou negativos. E por último, as obras estruturais que compõe até hoje o cenário de Chapecó, que foram construídas na Ditadura Militar. O desenvolvimento de ações e os novos moradores da cidade com o Golpe. A revista chegou a nona edição e também pode ser acessada em formato digital através do link: [http://issuu.com/acinjornal/docs/revista\\_experimentus\\_edicao\\_9](http://issuu.com/acinjornal/docs/revista_experimentus_edicao_9).

## 6 CONSIDERAÇÕES

Após um semestre repleto de pesquisas, entrevistas, debates, diálogos e muita troca de conhecimento, os acadêmicos do curso de Jornalismo da Unochapecó estabeleceram em 56 páginas um recorte histórico de um dos períodos mais obscuros já vividos no Brasil. A conclusão é que a atividade proposta foi além das paredes da sala de aula. Trouxe aos discentes, e também à comunidade, um parâmetro da realidade enfrentada por muitos chapecoenses durante o Golpe Militar iniciado em 64.

Os relatos ouvidos durante a produção da reportagem revelaram situações que permaneciam guardadas apenas na memória daqueles que sentiram de perto os reflexos de uma ditadura regada a repressão e violência. Chapecó, assim como tantos outros municípios catarinenses, sofreram com os reflexos dessa época, histórias de vida e de luta que não

foram abordadas pela grande mídia, mas, que a partir da Revista Experimentus, passam a integrar mais um capítulo de uma história que muitos querem esquecer.

Compreender esse período é entender os reflexos que o Golpe trouxe para o país e mais precisamente para Chapecó. As Grande Reportagens passam a integrar o quebra-cabeça de um momento repleto de rupturas e incógnitas. Inúmeras perguntas permanecem sem respostas e, talvez, jamais sejam reveladas. Porém, esse pequeno recorte realizado pelos estudantes do curso de Jornalismo da Unochapecó em 2014 permanecerá como um registro importante da nossa história, colaborando com a construção do conhecimento de inúmeras gerações no que diz respeito ao Golpe que abalou o país no contexto de Chapecó-SC.

O jornalismo, muito mais do que eternizar momentos, tem o poder de contar histórias e, a partir delas, promover a reflexão e o debate na sociedade sobre temáticas de interesse público. As notícias de hoje serão as histórias de amanhã, portanto, os discentes concluem a revista com a sensação de dever cumprido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENETTI, Márcia. Revista e Jornalismo: conceitos e particularidades. In: FARO, J.S. **Revista Realidade: tempo da reportagem na imprensa brasileira**. Canoas: Ed. ULBRA, AGE, 1999.

FURTADO, Thais. **O aprofundamento como caminho da reportagem de revista**. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges. (Org). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SCHWAAB, Reges. (Org). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

VOGEL, Daisi. **Revista e contemporaneidade: imagens, montagens e suas anacronias**. In: TAVARES, Frederico de Mello B.;